

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

JANEIRO DE 1865

Nº 1

Aos Assinantes da *Revista Espírita*

A *Revista Espírita* dá início ao seu oitavo ano. Já é um período bastante longo quando se trata de idéia nova e, ao mesmo tempo, um desmentido aos que prediziam a morte prematura do Espiritismo. Como nos anos anteriores, a época de renovação de assinaturas é, para a maioria dos leitores que se dirigem diretamente a nós, a ocasião para reiterarem a expressão de seu reconhecimento pelos benefícios da doutrina. Não podendo responder a cada um em particular, pedimos-lhes aceitem aqui nossos sinceros agradecimentos pelos testemunhos de simpatia que houveram por bem nos dar nesta circunstância. Se a doutrina faz bem, se consola os aflitos, se fortalece os fracos e levanta a coragem abatida, é a Deus, em primeiro lugar, que se deve agradecer, antes que ao seu servidor, e, depois, aos grandes Espíritos, que são os verdadeiros iniciadores da idéia e os diretores do movimento. Nem por isto nos sentimos menos tocados, e profundamente, pelos votos que nos são dirigidos, para que a força de ir até o fim de nossa tarefa nos seja conservada. É o que nos esforçamos por merecer por nosso zelo e devotamento, que não faltarão, a fim de remeter a obra, tão adiantada quanto possível, às mãos daquele que nos deve um dia substituir, e executar com maior força o que ficar inacabado.

Vista de Olhos sobre o Espiritismo em 1864

O Espiritismo progrediu ou perdeu força? Esta questão interessa tanto aos seus partidários, quanto aos adversários. Os primeiros afirmam que cresceu; os outros, que declina. Quais os que se iludem? Nem uns, nem outros; porque os que proclamam sua decadência sabem muito bem por que assim agem, e o provam a cada instante pelos temores que manifestam e a importância que lhe concedem. Alguns, entretanto, agem de boa-fé; têm em si tal confiança que, por terem feito uma grande jogada, dizem com ar sério: O Espiritismo está morto! ou, melhor: Deve estar morto!

Os espíritas apoiam-se em dados mais positivos, em fatos que eles próprios podem constatar. Por nossa posição, podemos julgar ainda melhor o movimento do conjunto e nos sentimos felizes em afirmar que a doutrina ganha terreno incessantemente em todas as classes da sociedade, e que o ano de 1864 não foi menos fecundo que os outros em bons resultados. Em falta de outros indícios, nossa *Revista* já seria uma prova material do estado da opinião a respeito das idéias novas. Um jornal especial que chega ao seu oitavo ano de existência e que, a cada ano, vê aumentar o número de seus assinantes em notável proporção; que, desde a sua fundação, viu três vezes esgotadas as coleções dos anos anteriores, não prova a decadência da doutrina que sustenta, nem a indiferença de seus adeptos. Até o mês de dezembro recebeu novas assinaturas para o ano findo, e o número de inscritos em 1º de janeiro de 1865 já é um quinto mais considerável do que era na mesma época do ano anterior.

Isto é um fato material, por certo não categórico para os estranhos, mas que, para nós, é tanto mais significativo porque não solicitamos assinaturas a ninguém, e não as impomos como condição em nenhuma circunstância. Não há, pois, *nenhuma* que

seja forçada, ou resulte de uma condescendência particular. Além disso, não bajulamos ninguém para obter sua adesão à nossa causa; deixamos que as coisas sigam o seu curso natural, dizendo-nos que se nossa maneira de ver e fazer não for boa, nada poderia fazê-la prevalecer. Sabemos perfeitamente que, por não havermos incensado certos indivíduos, os afastamos de nós e eles se voltaram para o lado donde vinha o incenso. Mas, que nos importa! Para nós, as pessoas sérias são mais úteis à causa, e não olhamos como sérios aqueles que são atraídos pela isca do amor-próprio, como mais de um a experimentou. Não os queremos; lamentamos que tenham dado mais valor à fumaça das palavras que à sinceridade. Temos consciência de que, em toda a nossa vida, jamais devemos algo à adulação ou à intriga. Por isso não fizemos fortuna, e não é com o Espiritismo que iríamos começá-la.

Louvamos com felicidade os fatos realizados, os serviços prestados, mas jamais, por antecipação, os serviços que podem ser prestados, ou mesmo que se prometem prestar: inicialmente, por princípio e, depois, porque só temos uma confiança medíocre no valor real do comércio sacado do orgulho. Eis por que jamais negociamos. Quando deixamos de aprovar, não censuramos; guardamos silêncio, a menos que o interesse da causa nos force a rompê-lo.

Aqueles, pois, que vêm a nós o fazem livre e voluntariamente, atraídos apenas pela idéia que lhes convém, e não por uma solicitação qualquer, ou por nosso mérito pessoal, que é questão secundária, considerando-se que, fosse qual fosse esse mérito, não poderia dar valor a uma idéia que não o tivesse. Por isto dizemos que os testemunhos que recebemos se dirigem à idéia, e não à nossa pessoa, e seria tola presunção de nossa parte se disso nos envaidecêssemos. Do ponto de vista da doutrina, esses testemunhos nos vêm, em sua maior parte, de pessoas que jamais vimos, muitas vezes a quem jamais escrevemos e a quem, por certo, jamais seríamos o primeiro a escrever. Eis por que, afastada toda

idéia de cooptação ou de camarilha, dizemos que a situação da *Revista* tem uma significação particular, como indício do progresso do Espiritismo, e foi só por isto que dela falamos.

Além disso, o ano viu nascerem vários órgãos da idéia: O *Sauveur des peuples*, a *Lumière*, a *Voix d'outre-tombe*, em Bordeaux; o *Avenir*, em Paris; o *Médium évangélique*, em Toulouse; o *Monde musical*, em Bruxelas, que, sem ser um jornal especial, trata a questão do Espiritismo com seriedade. Com toda certeza, se os fundadores de tais publicações tivessem crido a idéia em declínio, não se teriam aventurado em semelhantes empreitadas.

Em 1864 o progresso ainda está marcado pelo aumento do número de grupos e sociedades espíritas, que se formaram numa porção de localidades onde não os havia, tanto na França como no estrangeiro. A cada instante recebemos o aviso da criação de um novo centro. Esse número é ainda muito maior do que parece, pela quantidade de reuniões íntimas e de família, sem qualquer caráter oficial. Contra essas reuniões, os rigores de uma oposição sistemática se mostram impotentes, mesmo que fossem inquisitoriais, como na Espanha, onde, no entanto, elas existem em mais de trinta cidades e em casa de pessoas das classes mais elevadas.

Ao lado desses indícios materiais, há o que se revela pelas relações sociais. Hoje é raro encontrar gente que não conheça o Espiritismo, pelo menos de nome e, quase por toda parte, encontram-se os que lhe são simpáticos. Mesmo os que nele não crêem falam com mais reserva, podendo cada um constatar quanto diminuiu o espírito zombeteiro, que dá lugar, geralmente, a uma discussão mais racional. Exceto alguns gracejos da imprensa e alguns sermões mais ou menos acerbos, os ataques violentos e apaixonados são incontestavelmente mais raros. É que os próprios negadores, ao repelirem a idéia, sofrem, mau grado seu, o seu ascendente e começam a compreender que ela conquistou seu lugar

na opinião; a maioria, aliás, encontra seus adeptos em suas fileiras e entre seus amigos, que podem zombar na intimidade, mas que não ousam injuriar publicamente. Ademais, cada um notou sob quantas formas a maior parte das idéias espíritas são hoje reproduzidas na literatura, de maneira séria, sem que a palavra seja pronunciada. Nunca se tinham visto tantas produções desse gênero como nestes últimos tempos. Quer seja convicção ou fantasia da parte dos escritores, não deixa de ser um sinal da vulgarização da idéia, porquanto, se a exploram, é com o pensamento de que ela encontrará eco.

Entretanto, o progresso está longe de ser uniforme. Em certas localidades ainda é mantido em xeque pelos preconceitos ou por uma força oculta, mas muitas vezes aparece quando menos se espera. É que, em muitos lugares, há mais partidários do que se pensa, mas que não se põem em evidência; tem-se a prova disto pela venda das obras, que ultrapassa de muito o número dos espíritas conhecidos. Basta, então, que uma pessoa tenha a coragem da opinião para que o progresso, de latente, se torne ostensivo. Deve ter sido assim em Paris que, por muito tempo, ficou na retaguarda de algumas cidades de província. Desde dois anos atrás, mas, sobretudo, há um ano, o Espiritismo aqui se desenvolveu com surpreendente rapidez. Hoje os grupos declarados são numerosos e as reuniões privadas inumeráveis. Certamente não há exagero em avaliar-se o número dos aderentes em cem mil, de alto a baixo da escala.

Em resumo, é incontestável o progresso durante o ano que acaba de findar-se, se considerarmos o conjunto e não as localidades isoladamente. Embora não se tenha manifestado por nenhum sinal retumbante, nem por qualquer acontecimento excepcional, é evidente que a idéia se infiltra cada vez mais no espírito das massas e sempre com mais força. Contudo, não se deve concluir que o período de luta haja terminado. Não; nossos adversários não se dão por vencidos tão facilmente. Assestam

novas baterias no silêncio, razão por que nos devemos manter em guarda. Sobre isto diremos algumas palavras num próximo artigo.

Nova Cura de uma Jovem Obsedada de Marmande

Transmite-nos o Sr. Dombre o relato seguinte de uma nova cura das mais notáveis, obtida pelo círculo espírita de Marmande. Malgrado sua extensão, julgamos dever publicá-lo de uma só vez, em razão do alto interesse que ele apresenta e para que se possa melhor captar o encadeamento dos fatos. Pensamos que os leitores não terão motivos para se queixarem de nós. Suprimimos apenas alguns detalhes que não nos pareceram de importância capital. Os ensinamentos decorrentes são numerosos e sérios e lançam nova luz sobre essa questão de atualidade e sobre esses fenômenos, que tendem a multiplicar-se. Considerando-se a extensão do artigo, adiamos as considerações para o próximo número, a fim de lhes dar os desenvolvimentos necessários.

Senhor Allan Kardec,

É com uma força nova e uma confiança em Deus, corroborada pelos fatos que, entusiasmando-me sem me assombrar, venho fazer-vos o relato de uma cura de obsessão, notável sob vários aspectos. Oh! bem cego é quem nisto não veja o dedo de Deus! Todos os princípios da sublime doutrina do Espiritismo aí se acham confirmados: a individualidade da alma, a intervenção dos Espíritos no mundo corporal, a expiação, o castigo e a reencarnação são demonstrados de maneira surpreendente nos fatos com que vos vou entreter. Como já vos exprimi, lamento ser obrigado a vos falar de mim, do papel que me coube nesta circunstância, como instrumento de que Deus se dignou servir-se para ferir os olhos. Deveria passar em silêncio os fatos relacionados comigo? Julguei que não. Estais encarregado de controlar, estudar,

analisar os fatos e espalhar a luz: os mínimos detalhes devem, pois, ser levados ao vosso conhecimento. Deus, que lê no fundo dos corações, sabe que não fui movido pela vã satisfação do amor-próprio; aliás, não ignoro que aquele que, por privilégio é chamado a fazer qualquer bem, logo é reduzido à impotência se, por algum instante, desconhece a intervenção divina: feliz mesmo se não for castigado!

Vamos ao relato dos fatos.

Desde os primeiros dias de setembro de 1864, não se falava, em certo bairro da cidade, senão das crises convulsivas experimentadas por uma moça, Valentine Laurent, de treze anos. Essas crises, que se repetiam várias vezes por dia, eram de tal violência que cinco homens, que a continham pela cabeça, pelos braços e pelas pernas, tinham dificuldade de mantê-la em seu leito. Ela encontrava bastante força para os agitar e, algumas vezes, até a se desprender de suas mãos. As mãos, então, se agarravam a tudo; camisas, vestidos, cobertas da cama eram rasgadas prontamente; os dentes desempenhavam um papel muito ativo em seus furores, apavorando com razão as pessoas que a cercavam. Se não a tivessem contido, ela teria partido a cabeça na parede e, malgrado os esforços e as precauções, não ficou isenta de cortes e contusões.

Não lhe faltaram os recursos da arte. Quatro médicos a viram sucessivamente; porções de éter, pílulas, medicamentos de toda natureza: ela tomava tudo sem repugnância; as sanguessugas atrás das orelhas, os vesicatórios nas coxas também não foram poupados, mas sem sucesso. Durante as crises, o pulso era perfeitamente regular; depois das crises, nem a menor lembrança dos sofrimentos, das convulsões, mas muito espanto ao ver a casa cheia de gente e seu leito cercado de homens ofegantes, alguns dos quais lamentavam uma camisa ou um colete rasgado.

O cura de X..., paróquia situada a dois ou três quilômetros de Marmande, gozando na região, entre certas pessoas,

de uma celebridade recente, como curador de toda espécie de males, foi consultado pelo pai da jovem. O cura, sem dar explicações sobre a natureza do mal, lhe deu *gratuitamente* um pouco de pó branco para a doente tomar; em seguida, ofereceu-se para rezar uma missa Mas, ah! nem o pó, nem a missa preservaram a jovem Valentine de quatorze crises no dia seguinte, o que jamais lhe havia acontecido.

Tanto insucesso nos cuidados de toda sorte necessariamente deveriam ter originado, no espírito do vulgo, idéias supersticiosas. Com efeito, as comadres falavam alto de malefícios e sortilégios lançados sobre a moça.

Durante esse tempo e no silêncio da intimidade, consultamos nossos guias espirituais sobre a natureza dessa moléstia. Eis o que nos responderam:

“É uma obsessão das mais graves, cujo caráter mudará muitas vezes de fisionomia. Agi friamente, com calma; observai, estudai e chamai Germaine.”

A esta primeira evocação, este Espírito não poupou injúrias e mostrou grande repugnância em responder às nossas interpelações. Até então, nenhum de nós tinha entrado na casa da doente e, antes de intervir, queríamos deixar a família esgotar todos os meios que a sua solicitude podia inspirar. Só quando a impotência da Ciência e da Igreja foi constatada é que exortamos o pai desesperado a vir assistir à nossa reunião para saber a verdadeira causa do mal de sua filha, e o remédio moral a lhe oferecer. Essa primeira sessão ocorreu em 16 de setembro de 1864. Antes da evocação de Germaine, nossos guias nos deram a seguinte instrução:

“Procedei com muito cuidado, muita observação e muito zelo. Tratareis com um Espírito mistificador, que alia a astúcia e a habilidade hipócrita a um caráter muito mal. Não cesseis

de estudar, de trabalhar pela moralização desse Espírito e de orar com essa finalidade. Recomendai aos pais que, em presença da filha, evitem qualquer manifestação de temor por seu estado; ao contrário, eles devem fazê-la consagrar-se às suas ocupações habituais e, sobretudo, não serem ásperos para com ela. Que lhe digam, principalmente, que não há feiticeiros: isto é muito importante. O cérebro jovem e maleável recebe as impressões com muita facilidade e seu moral poderia sofrer com isto; que não a deixem entreter-se com pessoas susceptíveis de lhe contar histórias absurdas, que dão às crianças idéias falsas e, por vezes, perniciosas. Que os próprios pais se tranqüilizem: a prece sincera é o único remédio que deve libertar a garota.

Nós vo-lo dissemos, espíritas, o Espírito Germaine tem habilidade; ele arranjará sempre crenças ridículas, rumores que circulem em volta da mocinha; procurará dar-vos o troco. Tirai partido do caso: a obsessão apresentar-se-á sob novas fases. Ficai advertidos; pensai que deveis trabalhar com perseverança e seguir com inteligência os mínimos detalhes que vos porão no rastro das manobras do Espírito. Não vos fieis na calma. Se as crises são os efeitos mais chocantes nas obsessões, há outras conseqüências muito mais perigosas. Desconfiai do idiotismo e da infantilidade num obsedado que, como neste caso, não sofre fisicamente. As obsessões são tanto mais perigosas quanto mais ocultas; muitas vezes são puramente morais. Este não raciocina, aquele perde a lembrança do que disse, do que fez. Entretanto, não se deve julgar muito precipitadamente e tudo atribuir à obsessão. Repito: estudai, discerni, trabalhai seriamente; não espereis tudo de nós; ajudar-vos-emos, pois trabalhamos em acordo, mas não repouseis, crendo que tudo vos será revelado.”

Evocação de Germaine – Eis-me aqui.

P. – Tendes algo a nos dizer, em continuação à nossa última conversa?

Resp. – Não, nada, senhores.

P. – Sabeis que nos tratastes com muita aspereza?

Resp. – Também me falais muito mal.

P. – Nós vos demos conselhos. Refletistes neles?

Resp. – Sim, muito, juro. Minhas reflexões foram sensatas. Admito que eu estava louca; delirava, mas eis-me calma.

P. – Muito bem! Quereis dizer-nos por que torturais essa menina?

Resp. – Inútil voltar ao assunto; seria muito longo para vos contar. Imagino que isto aqui não seja um tribunal; que não serei obrigada a me sentar no banco dos réus e responder ao questionário.

P. – Não, absolutamente; estais completamente livre; é o interesse que nos leva, por vós e pela menina, a perguntar por que motivo sério ou por que capricho vos entregais a esses ataques.

Resp. – Dizeis capricho? Ah! deveríeis desejar que não passasse de um capricho; porque, sabeis, o capricho é instável e acaba.

P. – Estais realmente calma?

Resp. – Bem o vedes.

P. – Sim, em aparência; mas não disfarçais os vossos sentimentos?

Resp. – Não venho vos estender armadilhas, pois não preciso disto.

P. – Quereis afirmá-lo perante os Espíritos que nos cercam...?

Resp. – Não ponhamos outras pessoas entre nós. Se devemos conversar ou tratar de algo, que seja de vós para mim. Não gosto da intervenção de terceiros.

P. – Muito bem! acreditamos em vossa boa-fé, e...

Resp. – É por isto que deveríeis vos contentar com esta garantia. Aliás, eu vos obriguei a me acreditar, se fizerdes resistência; não me faltarão provas para vos convencer de minha sinceridade.

Germaine

Ao ouvir o nome de *Germaine*, o pai da obsedada exclamou, estupefato: *Oh! é engraçado!* E, ao se retirar, repetia várias vezes: *É engraçado!*

(Isto será explicado mais tarde).

No dia seguinte, 17 de setembro, dirigi-me pela primeira vez à casa daquela família, com o desejo de ser testemunha de um ataque do Espírito. Fui servido na medida do possível. Valentine estava em crise; entrei com as pessoas do quarteirão, que se precipitavam na casa.

Estendida no leito, vi uma jovem magnífica, robusta para a sua idade, e contida por oito ou dez braços vigorosos, como descrevi acima. Só a cabeça estava livre, agitando-se e açoitando o ar, em todos os sentidos, com sua cabeleira solta. A boca entreaberta deixava ver duas fileiras de dentes brancos e, sobretudo, ameaçadores. O olhar estava completamente perdido, e as duas pupilas, das quais só se viam os bordos, estavam alojadas no ângulo do lado do nariz. Acrescente-se a isto uma espécie de grito selvagem, e imaginai o quadro.

Observei um instante a força das sacudidelas e, inclinando-me sobre o rosto da mocinha, pus a mão direita sobre sua frente e a esquerda sobre o peito; cessaram imediatamente os movimentos e os esforços convulsivos e a cabeça pousou, calma, sobre o travesseiro. Dirigi os dedos da mão direita à boca, que se entreabriu e logo um sorriso se esboçou em seus lábios; as duas

grandes pupilas negras retomaram seu lugar no meio do olho; àquela figura satânica sucedeu o mais gracioso semblante. A jovem manifestou seu espanto ao ver tanta gente à sua volta, dizendo que não estava doente; eram sempre suas primeiras palavras depois das crises. Elevei minha alma a Deus e senti sob as pálpebras duas lágrimas de entusiasmo e reconhecimento.

Isto acabava de se passar na manhã do dia 17. Como as crises se sucedessem com mais freqüência à tarde, por volta das cinco horas, voltei; os ataques, porém, tinham ocorrido antes da hora habitual e já haviam terminado. Às sete horas retornei à minha casa para jantar. Mal cheguei, vieram avisar-me que a menina estava numa crise terrível. Fui para lá imediatamente. Depois de segurar com uma mão os dois braços dela, perto dos punhos, disse aos homens que a seguravam: Soltai-a. Depois, com a outra mão sobre o seu peito, viram que se acalmava de repente; a seguir, levando a mão ao seu rosto, fiz lhe voltasse o sorriso e seus olhos retomaram o estado normal. Havia-se produzido o mesmo efeito da manhã. Fiquei junto à jovem uma parte da noite; ela não teve crises, mas dormia agitada; sua fisionomia tinha algo de convulsivo; via-se-lhe o branco dos olhos e ela parecia sofrer moralmente. Gesticulava, falava distintamente e exclamava em tom enérgico e comovido: *Vai-te! vai-te!... Oh! a vilã!... E a criança... e a criança... nos rochedos... nos rochedos.* A essa agitação sucedia uma espécie de êxtase: chorava e retomava com acento plangente: *Ab! tu sofres os tormentos do inferno!... e eu, queres fazer-me sofrer sempre!... sempre! sempre!...* E estendendo os braços no ar e tentando erguer-se: *Pois bem! leva-me, leva-me!*

A cada instante o pai soltava uma exclamação: *Oh! é engraçado!* E a mãe acrescentava: *Aí há mistério.* A partir de uma hora da madrugada, a menina dormiu calmamente até o dia raiar.

Essas agitações, essas censuras, esses êxtases, esse choro se repetiam diariamente após os ataques violentos do Espírito e duraram até muito tarde nas noites de 18, 19 e 20 de

setembro. Todos os dias eu me dirigia para junto da doente, instalando-me, por assim dizer, em sua casa. Em minha presença nada se manifestava; mas, tão logo eu partia, produzia-se nova crise; então, eu voltava e a acalmava. Isto durou vários dias. Certamente era um fenômeno digno de atenção que tais crises fossem mitigadas de súbito apenas com a imposição das mãos. Havia rumores na cidade e matéria para estudo sério. Entretanto, lamentei não ter visto nenhum dos quatro médicos, que haviam tratado a menina, vir observá-la.

Durante todo esse tempo, notei na garota, ora uma alegria um tanto exagerada, ora uma espécie de parvoíce. O pai e a mãe não achavam esses ares naturais, o que justificava a previsão de nossos guias.

No dia 21 de setembro, o pai e a mocinha foram comigo à sessão. No começo, nossos guias nos disseram: Chamai Germaine; pedi-lhe que fique junto de vós, e dissei-lhe isto:

“Germaine, sois nossa irmã; essa jovem é também nossa e vossa irmã. Se outrora alguma ação funesta vos ligou e fez pesar sobre ambas a justiça divina, podeis comover o juiz supremo. Apelai à sua infinita misericórdia; pedi-lhe vossa graça, como a pedimos por vós; tocai o Senhor por vossa prece fervorosa e vosso arrependimento. É em vão que buscais calma aos vossos remorsos e um refúgio na vingança; é em vão que procurais vossa justificação, acabrunhando-a ao peso de vossa acusação. Voltai, pois, à nossa voz; perdoai e sereis perdoadas, não busqueis enganar-nos; não creias que apenas a aparência da franqueza possa seduzir-nos; sejam quais forem os meios que empregardes, nós os conhecemos e vos oporemos nossa força e nossa vontade. Que vosso coração, engeguedido pelo sofrimento e pelo ódio, se abra à piedade e ao perdão. Não deixaremos de orar ao Eterno e aos Espíritos bons, seus mensageiros fiéis, que derramem sobre vós a consolação e o benefício. O que queremos, Germaine, é vos livrar

de vossos sofrimentos. Sempre sereis acolhida por nós como uma irmã; sereis socorrida. Assim, não nos considereis como inimigos, pois queremos a vossa felicidade; não sejais surda às nossas palavras; ouvi nossos conselhos e em pouco conhecereis a paz da consciência. O remorso terá fugido para longe de vós, o arrependimento terá tomado o seu lugar. Os Espíritos bons vos acolherão como a uma ovelha perdida que terão encontrado; os maus imitarão vosso exemplo. Nesta família onde provocais a maldição, só falarão bem de vós; haverá reconhecimento; essa mocinha também orará por vós e, se o ódio vos desune, um dia o amor vos reunirá.

“Sempre se é infeliz quando se está sedento de vingança; não mais repouso para o que odeia. O que perdoa está perto de amar; a felicidade e a tranqüilidade substituem o sofrimento e a inquietação. Vinde, Germaine, vinde unir-vos a nós por vossas preces. Queremos que, a exemplo de Jules¹ e de outros Espíritos que, como vós, viviam no mal, ficai perto de nós, sob feliz proteção de nossos guias. Estais só; sede a filha adotiva desta família que ora ao Eterno pelos que sofrem e ensina a todos a amá-lo para serem felizes. Se vos obstinardes na crueldade para com esta menina, prolongareis e agravareis os vossos sofrimentos, e ouvireis a maldição da mocinha e dos que a cercam.

“Merecei, pois, dos vossos irmãos a amizade que vos oferecem do fundo do coração; cessai essas torturas, donde vos retirais semimorta. Crede em nossa palavra; crede, sobretudo, nos conselhos dos Espíritos bons que nos guiam e, particularmente, nos da *Pequena Cárita*. Não sereis surda a essa prece. Dai-nos por prova que acolheis a nossa oferta, a paz e o sono tranqüilo à menina durante alguns dias. Vamos orar por vós e não cessaremos de pedir o fim de todos os vossos males.”

1 Espírito obsessor da jovem Thérèse B., de Marmande. (Vide *Revista Espírita* de junho de 1864.)

Chamamos Germaine e lemos o que acabava de ser ditado.

P. – Ouvistes bem e compreendestes os votos que acabamos de exprimir?

Resp. – Sim. Estou mesmo admirada de todas essas promessas; não mereço tanto. Mas sou um Espírito desconfiado e não ousa nelas crer. Veremos se vossas preces me darão a calma de que estou privada há tanto tempo. É verdade, estou só e não conheço senão *aquela que procura estraçalhar-me*². Veremos.

P. – Não vedes Espíritos bons ao vosso lado?

Resp. – Sim; mas nada espero, a não ser de vós.

P. – Pois bem! em troca do bem que vos queremos fazer, não poderíeis cessar de fazer o mal, de atormentar?...

Resp. – E eu sou a única causa desse mal? Ela contribui tanto quanto eu. Dizeis atormentar? Nós lutamos, nós nos atracamos; a culpabilidade é partilhada. Ela foi minha cúmplice. Não vejo por que faríeis pesar apenas sobre mim a responsabilidade por esses atos violentos, pelos quais também sou vítima.

P. – Entretanto, a mocinha não vos vai procurar; e se a atormentais, é porque quereis. Tendes o vosso livre-arbítrio.

Resp. – Quem vos disse? Estais equivocados. Uma fatalidade nos liga.

P. – Muito bem! contai-nos tudo.

Resp. – Não posso. Aqui não se goza de inteira liberdade... Sou franca.

P. – Vamos, Germaine! Vamos orar por vós. Até outra vez!

Terminando, nossos guias nos disseram:

2 A continuação do relato fará se compreendam estas últimas palavras.

“Durante estes dias, reuni-vos tão numerosos quanto possível. Ocupai-vos mais particularmente dela. Vossa franqueza e vosso zelo a seu respeito a tocarão, e os resultados que buscamos, assim o esperamos, serão rápidos, graças a esta medida.

O dia 22 passou sem crise. Reunimo-nos à noite, como de costume.

Evocação de Germaine – P. – Muito bem, Germaine! Acreditais em nossa afeição por vós?

Resp. – Tenho direito de duvidar; dificilmente o pária acredita no ósculo fraterno, que lhe dão de passagem. Estou habituada a ver o desdém e o desprezo me perseguindo.

P. – Deus quer que nos amemos uns aos outros.

Resp. – Não conheço isto. Aqui, aquele a quem o remorso persegue ou oprime é um inimigo, uma serpente da qual se foge atirando-lhe pedra. Credes que isto não seja revoltante para o maldito? Ele se torna, por instinto, inimigo de todos; a paixão e o ódio o cegam. Infeliz do que cai nas garras desse abutre.

P. – Nós, Germaine, vos queremos amar e vos estendemos a mão.

Resp. – Por que não me falaram assim mais cedo? Há, no entanto, corações generosos no mundo que habito. Então eu lhes causava medo? Por que jamais me disseram: És nossa irmã e podes partilhar a nossa sorte? Ainda tenho o veneno na alma, sobretudo quando penso no passado. O crime merece uma pena, mas a punição foi muito grande: parecia que tudo caía sobre mim, para me esmagar. Nesses momentos desconhece-se Deus, a gente o blasfema, nega-o, revolta-se contra ele e os seus, quando se está abandonado.

Observação – Este último raciocínio do Espírito é resultado da superexcitação em que se acha, mas acaba de levantar uma questão importante. “Por que, no mundo onde estou, não me falaram como vós?” Em razão de a ignorância do futuro fazer parte

momentaneamente do castigo de certos culpados. Somente quando vencido o seu endurecimento é que lhes fazem entrever um raio de esperança, como alívio às suas penas; é preciso que voluntariamente voltem os olhos para Deus. Mas os Espíritos bons não os abandonam; esforçam-se por lhes inspirar bons pensamentos; espreitam os menores sinais de progresso e, desde que vêem neles brotar o germe do arrependimento, provocam instruções que, esclarecendo-os, podem conduzi-los ao bem. Essas instruções lhes são dadas pelos Espíritos em tempo oportuno; também podem sê-lo pelos encarnados, a fim de mostrar a solidariedade que existe entre o mundo visível e o mundo invisível. No caso de que se trata, era útil à reabilitação de Germaine que o perdão lhe viesse da parte dos que se queixavam dela, o que era, ao mesmo tempo, um mérito para estes últimos. Esta a razão pela qual a intervenção dos homens é requisitada para a melhora e o alívio dos Espíritos sofredores, sobretudo nos casos de obsessão. Seguramente a dos Espíritos bons lhes poderia bastar, mas a caridade dos homens para com seus irmãos da erraticidade é para eles próprios um meio de avanço que Deus lhes reservou.

P. – O Espírito Jules, que vedes perto de nós, era também um criminoso, sofredor e infeliz?...

Resp. – Minha posição foi pior para mim. Citei tudo quanto pode afligir a alma; dissei quanto o veneno queima as entranhas: eu experimentei tudo; e o mais cruel para mim era estar só, abandonada, maldita. Não inspirei piedade a ninguém. Compreendeis a raiva que transborda de meu coração? Sofri muito! *eu não podia morrer; o suicídio não me era possível;* e sempre à minha frente o mais sombrio futuro! Jamais vi despontar um clarão; nenhuma voz me disse: Espera! Então gritei: “Raiva, vingança! A mim as vítimas! ao menos terei companheiras de sofrimento. Não é a primeira vez que a menina sente a minha opressão.”³

3 Com efeito, os pais nos disseram que a criança, aos seis anos de idade, tinha passado por crises, das quais não se podia dar conta.

Observação – Se se perguntasse por que Deus permite que Espíritos maus saciem sua raiva nos inocentes, diremos que não há sofrimento imerecido, e aquele que hoje é inocente e sofre, por certo ainda tem alguma dívida a pagar. Esses Espíritos maus servem, neste caso, de instrumento à expiação. Além disso, sua malevolência é uma provação para a paciência, a resignação e a caridade.

P. – Agradecei a Deus por vos ter feito sofrer tanto; esses sofrimentos são a expiação que vos purificou.

Resp. – Agradecer a Deus! pedis muito; sofri demais! Era preferível o inferno àquilo que eu suportava. Como me ensinaram, os danados sofrem, choram e gritam juntos; eles podem debater-se e lutar entre si; eu estava só. Oh! é horrível! Descrevendo estas coisas, fico com vontade de blasfemar e de me lançar sobre a presa. Não creiais entrar-me, pondo entre mim e ela um anjo sorridente. Lutarei com todos, seja quem for.

P. – Seja qual for o sentimento que vos agita, só vos oporemos a calma, a prece e o amor.

Resp. – O que mais me agrada é que me falais sem me injuriar, sem me repelir e quereis fazer-me esperar. Oh! não espereis que me entregue imediatamente; tenho medo da decepção. Depois de ter feito tão belas promessas, tão belas que ainda não posso acreditar, iríeis abandonar-me? Oh! o que seria de mim, então? E refleti: Por que essa consolação tão tardia? e por que vós? Seria uma cilada oculta? Olha! não sei o que crer, o que fazer. Na verdade isto me parece estranho, surpreendente.

Observação – Prova a experiência, realmente, que as palavras duras e malévolas são um meio inadequado para se desembaraçar dos Espíritos maus; elas os irritam, o que os levam a obstinar-se ainda mais.

P. – Germaine, escutai-me. Vou explicar o que vos surpreende. Desde alguns anos, a imortalidade, a individualidade e a relação das almas com os que ainda estão na Terra nos têm sido demonstradas de maneira a não deixar margem a nenhuma dúvida. O Espiritismo – eis o nome desta nova doutrina – prescreve a seus adeptos que amem e socorram seus irmãos. Somos espíritas e, por amor a duas irmãs que sofrem, vós e a menina vossa vítima, viemos

a vós para vos oferecer nosso coração e o socorro de nossas preces. Compreendeis agora?

Resp. – Não muito. Raciocinais como jamais ouvi. Deveis, pois, vos ocupar com os que vivem como vós e em vosso meio, e com os Espíritos que sofrem como eu? É um trabalho que deve ter o seu mérito.

P. – Se tendes ocasião para nos julgar sinceros, quereis prometer que serão boas as vossas disposições para com a mocinha?

Resp. – Boas *na medida em que tereis sido bons comigo*. Eu vos julgo todos sinceros; vossa linguagem me leva a acreditar; mas ainda duvido. Tirai-me esta dúvida e sou vossa. Esforçar-me-ei por fazer o que vos vou prometer; à medida que se apagar a dúvida, o mal enfraquecerá e, partida a dúvida, terá cessado o mal na menina. Infeliz de quem brincar comigo! ela morrerá estrangulada. Uma vítima espera a sua graça, que depende de vós, ou o golpe que lhe desferirei na cabeça. Não é uma ameaça para vos intimidar, mas uma advertência de que o ódio e a raiva me cegariam. Chegastes a tempo; talvez ela já estivesse morta. Já que nem sempre podemos conversar juntos, dissei aos vossos amigos que vivem onde vivo, que continuem a conversa; que não me repilam, embora minhas maldades não tenham cessado. Porque não me empenhei absolutamente e não podeis exigir mais do que prometi.

Pedimos aos nossos guias que dispensassem boa acolhida a Germaine. Eles responderam:

“Antes de tudo ela é nossa irmã muito amada, tanto mais que tem sofrido muito. Vinde, Germaine. Se jamais uma mão amiga apertou a vossa, aproximai-vos: nós vos estenderemos as nossas. Só a vossa felicidade nos preocupa. Em nós sempre encontrareis irmãos, a despeito da fraqueza de que ainda vos sentis capaz. Nós vos lamentaremos e não vos condenaremos. Entrai em vossa família, a felicidade nos sorri. Entre nós não correm as

lágrimas amargas; a alegria substitui a dor; e o amor, o ódio. Irmã, vossas mãos!”

Vossos Guias

Não houve crise no dia 23, como a da véspera. À noite a mocinha foi com seu pai à sessão, para ouvir Germaine, pela qual já mostrava muito interesse.

Nossos guias nos disseram:

“Começai vossos trabalhos pela evocação de Germaine; ela o deseja muito. Deveis provar-lhe que ela vos preocupa especialmente. Evitai tudo quanto possa parecer esquecimento e indiferença, a fim de afastar todas as suas dúvidas. Lembrai que seus ataques apenas se interromperam temporariamente. Sede prudentes; sede felizes sem amor-próprio e sem orgulho; sobretudo, sede fervorosos em vossas preces. Se ela manifestar o desejo de conversar demoradamente, mesmo que toda a noite, não regateis o tempo.”

Vossos Guias

Evocação de Germaine.

Resp. – Eis-me aqui, muito mais calma. Quero ser justa; creio ser um dever para convosco. Também vedes que agi como o havia dito. As boas relações fazem os bons amigos. Falai-me, pois, já que sois vossas amigas. É tão estranho e tão novo para mim que me permitireis deliciar-me com uma conversa onde o ódio será substituído pelo... ia dizer amor, e não o conheço! Dizei-me o que devo fazer para amar e ser amada, eu, a pobre miserável Germaine, envelhecida pela desgraça, pelo opróbrio e pelo crime!... Entre vós batizam? Eis uma neófito?”

– O batismo que pedis, Jeanne⁴, já o recebestes, respondi-lhe; está no vosso arrependimento, em vossa resolução de marchar por um novo caminho.

4 N. do T.: Não seria Germaine?

O dia 24 de setembro foi tão calmo quanto o precedente.

Na reunião da noite chamamos Germaine.

P. – Germaine, nós vos agradecemos...

Resp. – “Não faleis disto, porque me deixais envergonhada. Eu é que me devo inclinar e pedir graça. Devo-te uma grande reparação, pobre menina! A vida de que gozam os Espíritos é eterna. Deus pôs à minha frente os meios e o tempo para reparar os danos causados pela cegueira da paixão. Tranqüiliza-te; ora algumas vezes pela infeliz Germaine, a criminosa que, hoje arrependida, te pede perdão. Esquece, pobre menina, tuas dores e quem as causou. Lembra-te apenas de que agora ela deseja ser tua amiga. Não é mais a mesma Germaine; a prece que fizeram em minha intenção tornou-me a alma mais limpa; extinguiu-se minha sede de vingança. A lembrança de meu infame passado será minha expiação. Minha prece, junto à vossa, suavizará o remorso que me tortura. Obrigado a vós todos, que me chamastes à senda da verdade e do bem, quando eu estava perdida nas profundezas do vício e da impenitência.

“Agora acredito em vós; a dúvida desapareceu. Amo-vos e vos agradeço por me haverdes salvo e curado; também vos agradeço por esta pobre menina, a quem restituísteis a saúde e a vida.

“Posso dizer-me feliz, por estar entre os Espíritos bons, que consolam e fortalecem por sua moral doce e persuasiva. Não mais estou só; a despeito de toda a perversidade de minha alma, eles me admitiram em sua bem-aventurada família. Sou a doente, eles são meus guardiães. Faltam-me expressões para vos dizer tudo o que sinto.

“Dizei-me todos, sobretudo tu, pobre filha, que me perdoais. Preciso ouvir esta palavra sair de teu coração. Por favor, dai-me esta consolação.”

A jovem Valentine lhe disse: “Sim, Germaine, eu vos perdôo; mais ainda: eu vos amo!”

– “E nós também, disse eu logo, nós vos amamos como a uma irmã.”

Germaine continuou:

“E eu também começo a amar. A quem devo esta transformação? Àqueles a quem injuriei e que, malgrado todo o horror que eu lhes devia inspirar, tiveram piedade de mim e me chamaram sua irmã, provando que não me enganavam.

“Sim, abris-me o caminho do futuro feliz. Estava pobre a abandonada e agora vivo entre os que têm muito; não posso mais me lastimar. Os Espíritos bons dizem que vão preparar-me para as provações que sofrerei infalivelmente; e, munida desta força, descerei ao meio das criaturas terrenas. Já não será para semear a morte ao meu redor, mas para amar e merecer sua benevolência e amizade.

“Terei muito a dizer, mas não quero ser importuna. Oremos; parece que isto me fará bem.

“Deus, Todo-Poderoso, eterno, misericordioso, ouve minha prece. Perdoa minhas blasfêmias, perdoa meus desvios. Eu não conhecia o caminho que leva ao reino do justo. Meus irmãos da Terra me fizeram conhecê-lo; meus irmãos Espíritos para ele me conduzem. Que a justiça infinita siga seu curso para a pobre Germaine; agora ela sofrerá sem se lastimar; nem um só murmúrio sairá de sua boca. Reconheço tua grandeza e tua bondade de pai para os teus bem-aventurados servos, que vieram me tirar do caminho do vício. Que minha prece suba a ti; que os anjos que te servem e cercam teu trono possam um dia acolher-me em seu meio, como o fizeram estes Espíritos bons. Hoje o compreendo: só a virtude conduz à felicidade. Fazei graça, ó meu Deus, aos que,

como eu, ainda sofrem. Concedei à menina que torturei as doçuras e as virtudes que fazem a felicidade na Terra.”

Germaine

“Foi-vos dito: Ajuda-te, e o céu te ajudará; Os Espíritos que vos guiam não farão o trabalho que o dever vos impõe; mas, conforme houverdes trabalhado, eles abreviarão, tanto quanto puderem, a tarefa encetada sob a bandeira da caridade imortal. Agi, pois, sem desfalecimento e sem fraqueza; que vossa fé se fortaleça, e um dia, talvez, vos pergunteis donde vos vem essa força. Trabalhai pela moralização de vossos irmãos encarnados e a dos Espíritos atrasados; não vos contenteis em pregar as consolações do Espiritismo; mostrai-lhe a grandeza e o poder por vossos atos; é a melhor refutação que podereis opor aos vossos adversários. As palavras voam e os atos fortificam e levantam. Que a felicidade que entrar na família em companhia da jovem doutrina seja devida aos cuidados e à caridade dos sinceros adeptos. Sede confiantes, mas sem orgulho, do que vos acontecer, sem o que os frutos que daí deveis retirar serão perdidos para vós.”

Vossos Guias

Observação – Como se vê, os Espíritos não são inativos nem indiferentes em relação aos Espíritos sofredores, que é preciso trazer ao bem. Mas quando a intervenção dos homens pode ser útil, eles lhes deixam a iniciativa e o mérito, salvo para secundá-los com seus conselhos e seus encorajamentos.

A partir de 25 de setembro, seguindo os conselhos de nossos guias, adormeci a jovem Valentina todos os dias pelo sono magnético, para expurgá-la completamente da ação dos maus fluidos que a tinham envolvido e fortalecer o seu organismo. Desde sua libertação, ela experimentava mal-estar, distúrbios gástricos, pequenos espasmos nervosos, conseqüência inevitável da obsessão.

Observação – Para que teria servido o magnetismo, se a causa tivesse subsistido? Primeiramente, teria sido preciso destruir a causa, antes de atacar os efeitos, ou, pelo menos, agir sobre ambos simultaneamente.

Um tanto mimada pelos cuidados e carícias que lhe tinham prodigalizado, a menina tornara-se caprichosa e voluntariosa, e só com repugnância consentia em ser adormecida. Um dia até se recusou e fui-me embora. Ao chegar em casa, vieram avisar-me que ela tivera uma crise. “Bem, exclamei, é uma punição de Germaine.” Voltei imediatamente e encontrei a menina agitando-se na cama. Essa crise não era tão violenta quanto as precedentes, mas apresentava as mesmas características. Acalmei-a como nas outras. Algumas horas depois teve uma segunda, que eu mesmo interrompi.

À noite nós nos reunimos. Germaine veio sem ser chamada; disse que tinha querido dar uma lição à menina e adverti-la de que, quando não fosse razoável, far-lhe-ia sentir a sua presença. Além disso, lhe deu conselhos muito bons e fez sentir aos pais os inconvenientes de ceder aos caprichos dos filhos.

À fase da cura e da conversão do Espírito, sucedeu a das revelações tocantes ao drama, do qual a obsessão violenta da jovem Valentine era o desenlace. Por mais interessante e comovedora que seja esta parte do relato, suprimimos alguns detalhes, estranhos, até certo ponto, ao nosso tema, além de tratarmos de assuntos contemporâneos, cuja lembrança penosa ainda está presente e tiveram por testemunhas interessadas pessoas ainda vivas. Nós os resumimos para as conclusões que deles devemos tirar. Pelos mesmos motivos, dissimulamos os nomes próprios, que nada acrescentariam à instrução que ressalta desta história.

Dessas revelações feitas na intimidade, fora do grupo, e por meio de um outro médium, resulta que Germaine é a avó do Sr. Laurent, o pai da jovem obsedada Valentine. Ela tinha uma filha, que teve dois filhos, dos quais um é o próprio Sr. Laurent; o outro foi assassinado por sua avó, que o lançou num barranco, em baixo dos rochedos de... Por esse homicídio, foi condenada a dez anos de

reclusão, que sofreu na prisão de C... Dá as mais minuciosas indicações sobre todos esses fatos, precisando com exatidão os nomes, lugares e datas, de modo a não deixar qualquer dúvida quanto à sua identidade. Esses detalhes íntimos, só conhecidos pelo Sr. Laurent e sua mulher, foram por eles confirmados. Para melhor deixar-se reconhecer pelo neto, designou-o por seu apelido, ignorado pelo médium e só lhe falou em dialeto, como o fazia em vida.

Não havia, pois, como se enganar: Germaine era mesmo a avó de Laurent, a condenada por infanticídio. Quanto à sua filha, cujo filho foi assassinado, é hoje a filha de Laurent, a jovem Valentine, que vem ainda atormentar por uma cruel obsessão. Ela explicou a causa do ódio que lhe votara. Tinha havido luta entre elas como Espíritos, e essa luta continuou quando uma delas reencarnou. Um fato veio confirmar esta asserção: são as palavras que a mocinha pronunciou durante o sono. Como é compreensível, seus pais a tinham deixado sempre ignorar o que se passara na família. As palavras: *A criança! a criança! nos rochedos! nos rochedos!* evidentemente resultavam da lembrança que seu Espírito conservava no estado de desprendimento.

“Muito bem! disse eu ao pai de Valentine, estais bem convencido de que é o Espírito de vossa avó? – Oh! senhor, respondeu ele, já me havia convencido disto antes desta conversa. O nome de Germaine e as palavras de Valentine, durante suas crises, não me deixavam a menor dúvida a respeito; eu o disse logo à minha mulher. Ainda mais, quando me falastes do Espiritismo e das reencarnações, ocorreu-me a idéia de que minha mãe estava encarnada em Valentine.”

Assim se explicam as repetidas exclamações de Laurent: “É engraçado!” e as de sua mulher: “Aí há mistério!”

Evocação de um Surdo-Mudo Encarnado

O Sr. Rul, membro da Sociedade de Paris, transmite-nos o fato que se segue. Disse ele:

“Em 1862 conheci um jovem surdo-mudo de doze ou treze anos. Desejoso de fazer uma observação, perguntei aos meus guias protetores se me seria possível evocá-lo. Como a resposta fosse afirmativa, fiz o rapaz vir ao meu quarto e o instalei numa poltrona, com um prato de uvas, que ele se pôs a chupar com ardor. Por meu lado, sentei-me a uma mesa. Orei e fiz a evocação, como de costume. Ao cabo de alguns instantes minha mão tremeu e escrevi: Eis-me aqui.

“Olhei o menino: estava imóvel, os olhos fechados, calmo, adormecido, com o prato sobre os joelhos; cessara de comer. Dirigi-lhe as seguintes perguntas:

P. – Onde estás agora?

Resp. – Em vosso quarto, em vossa poltrona.

P. – Queres dizer por que és surdo-mudo de nascença?

Resp. – É uma expiação de meus crimes passados.

P. – Que crimes cometeste?

Resp. – Fui parricida.

P. – Podes dizer se tua mãe, *a quem amas tão ternamente*, não teria sido, como teu pai ou tua mãe, na existência de que falas, o objeto do crime que cometeste?

“Em vão esperei a resposta; minha mão ficou imóvel. Levantei de novo os olhos para o menino; acabava de despertar e comia as uvas com apetite. Tendo, então, pedido aos guias que me explicassem o que acabava de se passar, foi-me respondido:

“Ele deu as informações que desejas e Deus não permitiu que te desse outras.”

“Não sei como os partidários da comunicação exclusiva dos demônios nos explicariam o fato. Para mim, conclui que, desde que Deus por vezes nos permite evocar um Espírito encarnado, permite-nos igualmente em relação aos desencarnados, quando o fazemos com o espírito de caridade.”

Observação – Por nosso lado, faremos uma outra observação a respeito. Aqui, a prova de identidade resulta do sono provocado pela evocação, e da cessação da escrita no momento de despertar. Quanto ao silêncio guardado sobre a última pergunta, prova a utilidade do véu lançado sobre o passado. Com efeito, suponhamos que a mãe atual desse menino tenha sido sua vítima em outra existência, e que este tenha querido reparar seus erros pela afeição que lhe testemunha; a mãe não seria dolorosamente afetada se soubesse que o filho foi seu assassino? sua ternura por ele não seria alterada? Foi-lhe permitido revelar a causa de sua enfermidade como assunto de instrução, a fim de nos dar uma prova a mais de que as aflições daqui têm uma causa anterior, quando tal causa não esteja na vida atual, e que assim tudo é conforme à justiça; mas o resto era inútil e poderia ter chegado aos ouvidos da mãe. Por isto os Espíritos o despertaram, no momento em que, talvez, fosse responder. Mais tarde explicaremos a diferença que existe entre a posição desse menino e a de Valentine, do relato precedente.

Além disso, o fato prova um ponto capital: não é somente depois da morte que o Espírito recobra a lembrança de seu passado. Pode dizer-se que não a perde jamais, mesmo na encarnação, porquanto, durante o sono do corpo, quando goza de certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que sofre, e que sofre justamente; a lembrança não se

apaga senão durante a vida exterior de relação. Mas, em falta de uma lembrança precisa, que lhe poderia ser penosa e prejudicar suas relações sociais, haure novas forças nos instantes de emancipação da alma, se os soube aproveitar.

Deve-se concluir do fato que todos os surdos-mudos tenham sido parricidas? Seria uma conseqüência absurda, porque a justiça de Deus não está circunscrita em limites absolutos, como a justiça humana. Outros exemplos provam que esta enfermidade resulta, por vezes, do mau uso que o indivíduo tenha feito da faculdade da palavra. Pois que! exclamarão, será justa uma mesma expiação para duas faltas tão diferentes na sua gravidade? Mas os que assim raciocinam ignoram que a mesma falta oferece infinitos graus de culpabilidade, e que Deus mede a responsabilidade pelas circunstâncias? Aliás, quem sabe se esse menino, supondo seu crime sem escusas, não sofreu duro castigo no mundo dos Espíritos, e seu arrependimento e desejo de reparar não reduziram a expiação terrena a uma simples enfermidade? Admitindo, a título de hipótese, já que o ignoramos, que sua mãe atual tenha sido sua vítima, caso não conservasse para com ela a resolução tomada de reparar sua falta pela ternura, por certo o esperaria um castigo mais terrível, seja no mundo dos Espíritos, seja em nova existência. A justiça de Deus nunca falha e, por ser às vezes tardia, nada perde por esperar; mas Deus, em sua bondade, jamais condena de maneira irremissível, e sempre deixa aberta a porta do arrependimento. Se o culpado demora a aproveitá-lo, sofrerá por mais tempo. Assim, dele sempre depende abreviar os seus sofrimentos. A duração do castigo é proporcional à duração do endurecimento. É assim que a justiça de Deus se concilia com sua bondade e seu amor por suas criaturas.

Variedades

O PERISPÍRITO DESCRITO EM 1805

Extraído da obra alemã: *Os fenômenos místicos da vida humana*, por Maximilien Perty, Professor da Universidade de Berna – Leipzig e Heidelberg, 1861.

Sob o título de “*Aparição real de minha mulher após sua morte*” – Chemnitz, 1804 – o doutor Woetzel publicou um livro que causou grande sensação nos primeiros anos deste século. O autor foi atacado em vários escritos, principalmente por Wieland, que o leva ao ridículo na *Euthanasia*. Durante uma doença de sua mulher, Woetzel tinha pedido a esta última que lhe aparecesse após sua morte; ela lho prometeu. Mais tarde, porém, a rogo do marido, ela se desligou da promessa. Todavia, algumas semanas depois de sua morte, um vento violento pareceu soprar no quarto, embora estivesse fechado; a luz quase se apagou; uma pequena janela na alcova abriu-se e, a despeito da fraca claridade que reinava, Woetzel viu a forma de sua mulher, a dizer-lhe em voz doce: “Charles, sou imortal; um dia nos reveremos.” A aparição e estas palavras consoladoras se repetiram mais tarde, uma segunda vez. A mulher mostrou-se de vestido branco, com o mesmo aspecto que tinha antes de morrer. Um cão que não se havia mexido quando da primeira aparição, agitou-se e descreveu um círculo, como se estivesse em redor de uma pessoa conhecida.

Numa segunda obra sobre o mesmo assunto (Leipzig, 1805), o autor fala de convites que lhe teriam sido dirigidos para desmentir todo o assunto, “pois, do contrário, muitos sábios seriam forçados a renunciar ao que, até então, tinham julgado como opiniões verdadeiras e justas, e porque a superstição aí encontraria um alimento.” Mas ele já havia pedido ao conselho da Universidade de Leipzig que lhe permitisse prestar juramento a respeito. O autor desenvolve sua teoria. Segundo ele, “a alma, depois da morte, seria envolvida por um corpo etéreo, luminoso, por meio do qual poderia tornar-se visível; que poderia usar outras vestimentas, por

cima desse envoltório luminoso; que a aparição não tinha agido sobre o seu sentido interior, mas unicamente sobre os sentidos exteriores.”

Como se vê, só falta a esta explicação a palavra *perispírito*. Contudo, Woetzel se equivoca quando julga que a aparição só atua sobre os sentidos exteriores, e não sobre o sentido interior. Sabe-se hoje que é o contrário que ocorre. Mas talvez ele tivesse querido dizer que estava perfeitamente desperto, e não em estado de sonho, o que, provavelmente, lhe teria feito pensar que havia percebido a aparição apenas pela visão corporal, uma vez que não conhecia as propriedades do fluido perispiritual, nem o mecanismo da *visão espiritual*.

Aliás, lendo-se a erudita obra do Sr. Pezzani, sobre a *Pluralidade das Existências*, tem-se a prova de que o conhecimento do *corpo espiritual* remonta à mais alta antigüidade, e que só o nome de *perispírito* é moderno. São Paulo o descreveu em sua primeira epístola aos Coríntios, capítulo XV. Woetzel o reconheceu apenas pela força do raciocínio. Tendo-o estudado nos numerosos fatos que observou, o Espiritismo descreveu as suas propriedades e deduziu as leis de sua formação e de suas manifestações.

Quanto ao que se refere ao cão, nada há nisto de surpreendente. Diversos fatos parecem provar que certos animais sentem a presença dos Espíritos. Na *Revista Espírita* de junho de 1860, citamos um exemplo que tem notável analogia com o de Woetzel. Não está mesmo provado positivamente que não os possam ver. Nada haveria de impossível que, em certas circunstâncias, por exemplo, os cavalos que se assustam e se recusam, obstinadamente, a avançar sem motivo conhecido, sofram o efeito de uma influência oculta.

UM NOVO OVO DE SAUMUR

Ao que parece, Saumur é fecunda em maravilhas ovíparas. Lembrem-se de que em setembro último, uma galinha,

nativa dessa cidade e domiciliada na Rua da Visitação, punha ovos miraculosos, sobre cuja casca viam-se, em relevo e claramente desenhados, objetos de santidade e inscrições. Isto fez grande sensação em certos meios, e excitou a verve trocista dos incrédulos. O *Echo saumurois*, entre outros, divertiu-se bastante com a coisa. A multidão dirigiu-se ao local; a autoridade comoveu-se e sugeriram que um agente de polícia tomasse conta da galinha, para esperar o acontecimento. Não repetiremos o espirituoso relato, nem a menos judiciosa explicação, dadas pelo *Sauveur des peuples*, de Bordeaux, de 18 de setembro de 1864, ao qual remetemos nossos leitores para os detalhes circunstanciados do caso.

Ultimamente, um dos nossos assinantes de Saumur nos remeteu um outro ovo fenomenal, originário da mesma cidade, pedindo que examinássemos bem a fanfarrice que ele apresenta, conquanto não houvesse desenhos, nem inscrições. Não que ele acreditasse num prodígio, mas, ao contrário, para ter nossa opinião, a fim de a contrapor às pessoas muito crédulas em matéria de milagres, porque parece que, depois do que se havia passado, esse ovo também tinha produzido uma certa sensação no público. Não sabemos se é da mesma galinha. Eis do que se trata:

O ovo apresenta na ponta uma excrescência, em forma de cordão grosso, enrolado sobre si mesmo, da mesma natureza que a casca e aderente em toda a sua extensão, que é de 6 a 7 centímetros. Basta conhecer a formação dos ovos para se dar conta desse fenômeno. Sabe-se que o ovo é formado, inicialmente, de uma simples membrana, semelhante a uma bexiga, na qual se desenvolvem a clara e a gema, germe e alimento do futuro pinto. Por vezes alguns são postos neste estado. Antes da postura, essa película se cobre de uma camada de carbonato de cálcio, que forma a casca. No caso de que se trata, não sendo o conteúdo suficiente para encher a membrana vesicular, resultou que a parte vazia, formando o gargalo da bexiga, ficou contraída, rebatendo-se e se enrodilhando sobre o próprio corpo do ovo. O depósito calcário,

formado depois, endureceu-o todo, o que deu origem a essa excrescência anormal. Se toda a capacidade se tivesse enchido, o ovo teria sido monstruoso para um ovo de galinha, porque teria cerca de 10 centímetros em seu maior diâmetro, ao passo que tem uma dimensão ordinária.

Que relação pode ter tudo isto com o Espiritismo? Absolutamente nenhuma. Se dele falamos, é porque seus detratores quiseram associar seu nome no primeiro caso, não sabemos bem a que título, a não ser, conforme seu hábito, o de procurar todas as ocasiões de o ridicularizar, mesmo nas coisas que lhe são mais estranhas. Quisemos provar uma vez mais que os espíritas não são tão crédulos quanto dizem. Desde que um fenômeno insólito se apresente, eles procuram antes de tudo a explicação no mundo tangível, e não envolvem os Espíritos em tudo quanto é extraordinário, porque sabem em que limites e segundo que leis sua ação se exerce.

Notas Bibliográficas

PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS DA ALMA,

Por ANDRÉ PEZZANI, Advogado na Corte Imperial de Lyon.

Esta obra, anunciada há algum tempo e esperada com impaciência, acaba de aparecer na livraria dos Srs. Didier & Cie⁵. Todos os que conhecem o autor, sua vasta erudição, seu espírito judicioso de análise e de investigação, não duvidam que esta grave questão da pluralidade das existências fosse por ele tratada de acordo com a sua importância. Sentimo-nos felizes ao dizer que ele não falhou em sua tarefa. Entretanto, não se empenhou bastante em demonstrar, pelo seu próprio raciocínio, essa grande lei da Humanidade, embora se devotando a ela. Por mais douto que seja,

⁵ Um vol. in-8º à venda. Preço: 6 fr. – No prelo, ed. In-12. Preço: 3 fr.

é modesto, muito modesto mesmo, o que raramente é corolário do saber; diz que sua opinião pessoal pouco pesaria na balança, razão que o levou a apoiar-se mais nas dos outros que na sua. Ele quis demonstrar que esse princípio tinha sido entrevisto pelos maiores gênios de todos os tempos; que é encontrado em todas as religiões, por vezes clara e categoricamente formulado, muitas vezes velado sob a alegoria; que, implicitamente, é a fonte primeira de uma imensidade de dogmas. Prova, por documentos autênticos, que a teoria da imortalidade e da progressão da alma fazia parte do ensino secreto só reservado aos iniciados nos mistérios. Nesses tempos recuados ele poderia ter utilidade, como o demonstra, ao ocultar do vulgo certas verdades que as massas não estavam maduras para compreender, e que as teriam deslumbrado, sem as esclarecer. Sua obra é, pois, rica em citações, desde os livros sagrados dos hindus, dos persas, dos judeus, dos cristãos; os filósofos gregos, os neoplatônicos, as doutrinas druídicas, até os escritores modernos: Charles Bonnet, Ballanche, Fourier, Pierre Leroux, Jean Raynaud, Henri Martin, etc.; e, como conclusão e última expressão, os livros espíritas.

Nesse vasto panorama, ele passa em revista todas as opiniões, as diversas teorias sobre a origem e os destinos da alma. A doutrina da metempsicose animal é aí tratada largamente e de maneira nova. Demonstra que a pluralidade das existências humanas a precedeu e que a transmigração em corpos de animais não passa de uma derivação alterada, e não o princípio. Era a crença reservada ao vulgo, incapaz de compreender as altas verdades abstratas, e como freio às paixões. A encarnação nos animais era uma punição, uma espécie de inferno visível, atual, que devia impressionar mais que o temor de um castigo moral num mundo espiritual. Eis o que a respeito diz Timeu de Locres, que Cícero garante ter sido o mestre de Platão:

“Se alguém é vicioso e viola as regras do Estado, é preciso que seja punido pelas leis e pelas censuras; deve-se, ainda,

apavorá-lo com o medo do inferno, pelo temor das penas contínuas, dos castigos, e pelos terrores e punições inevitáveis, que são reservadas aos infelizes criminosos no interior da Terra.

“Louvo muito o poeta jônico (Homero) por haver tornado os homens religiosos por fábulas antigas e úteis. Porque, assim como curamos os corpos com remédios mais drásticos, se não cedem a remédios mais suaves, assim reprimimos as almas por discursos falsos, se não se deixarem levar pelos verdadeiros. É pela mesma razão que se devem estabelecer penas passageiras, baseadas na crença da transmigração das almas. De sorte que as almas dos homens tímidos passem, depois da morte, por corpos de mulheres expostas ao desprezo e às injúrias; as almas dos assassinos, por corpos de animais ferozes, para aí receber sua punição; as dos impudicos pelo corpo dos porcos e javalis; as dos inconstantes e dos levianos pelos dos pássaros que voam nos ares; as dos preguiçosos, dos indolentes, dos ignorantes e dos loucos pela forma dos animais aquáticos. É a deusa Nêmesis quem julga todas essas coisas, no segundo período, isto é, no círculo da segunda região em torno da Terra, com os demônios, vingadores dos crimes, que são os inquisidores terrenos das ações humanas, e a quem o Deus condutor de todas as coisas conferiu a administração do mundo cheio de deuses, de homens e de outros animais que foram produzidos segundo a imagem excelente da forma improdizida e eterna.”

Ressalta daí e de vários outros documentos que a maioria dos filósofos professava ostensivamente a metempsicose animal, como um meio, já que eles próprios não criam, e tinham uma doutrina secreta, mais racional sobre a vida futura. Tal parece ter sido, também, o sentimento de Pitágoras que, como se sabe, não é o autor da metempsicose; foi apenas o seu propagador na Grécia, depois de a ter encontrado entre os hindus. Aliás, a encarnação na animalidade não passava de uma punição temporária de alguns milhares de anos, mais ou menos conforme a culpabilidade, uma

espécie de prisão da qual a alma, ao sair, entrava na humanidade. A encarnação animal não era, pois, uma condição absoluta, aliando-se, como se vê, à reencarnação humana. Era uma sorte de espantalho para os simples, muito mais que um artigo de fé entre os filósofos. Assim como se diz às crianças: “Se fordes más, o lobo vos comerá”, os Antigos diziam aos criminosos: “Tornar-vos-eis lobos.”

A doutrina da pluralidade das existências, emancipada das fábulas e dos erros dos tempos de ignorância, tende hoje, de maneira evidente, a entrar na filosofia moderna, abstração feita do Espiritismo moderno, porque os pensadores sérios aí encontram a única solução possível dos maiores problemas da moral e da vida humana. A obra do Sr. Pezzani vem, pois, muito a propósito, projetar a luz da História sobre essa importante questão; ela poupará pesquisas laboriosas, difíceis e muitas vezes impossíveis a muita gente. O autor não a escreveu do ponto de vista do Espiritismo, que nela só figura de maneira acessória e como ensinamento; escreveu-a do ponto de vista filosófico, de maneira a abrir as portas que lhe teriam sido fechadas, se tivesse imprimido a essa obra a etiqueta de uma crença nova. É o complemento da *Pluralidade dos mundos habitados*, do Sr. Flammarion, que, por seu lado, vulgarizou um dos grandes princípios de nossa doutrina, sem dela falar expressamente.

Voltaremos à obra do Sr. Pezzani, servindo-nos de várias de suas citações.

O MÉDIUM EVANGÉLICO

Novo jornal espírita de Toulouse⁶

O último mês do ano que acaba de passar viu nascer um novo órgão do Espiritismo, o que vem corroborar nossas

⁶ O *Médium Evangélico* aparece aos sábados, desde 15 de dezembro. – Preço: Toulouse, 8 fr. por ano; 6 meses: 4 fr. 50. – Departamentos, 9 fr. e 50. – Assinaturas: Em Toulouse, rue de la Pomme, 34; em Paris, boulevard St.-Germain, 68.

reflexões contidas no artigo anterior sobre o estado do Espiritismo em 1864. Conforme seu início e a carta que seu diretor houve por bem escrever-nos antes de sua publicação, devemos contar com um novo campeão para a defesa dos verdadeiros princípios da doutrina, isto é, dos que hoje são sancionados pelo grande controle da concordância. Que seja, pois, bem-vindo.

Esperando que o tenhamos podido julgar por suas obras, diremos que se o ditado: *Nobreza obriga* for verdadeiro, com mais forte razão pode dizer-se que o *título obriga*. O de *Médium Evangélico* é todo um programa e um belo programa, que impõe grandes obrigações, mas que, no entanto, pode entender-se de duas maneiras. Poderia significar que o jornal ocupar-se-á principalmente de controvérsias religiosas, do ponto de vista dogmático, ou que, compreendendo o objetivo essencial do Espiritismo, que é a moralização, será redigido conforme o espírito evangélico, que é sinônimo de caridade, tolerância e moderação. No primeiro caso não o seguiremos, porque o próprio interesse da doutrina exige extrema reserva no desenvolvimento de suas conseqüências, e porque muitas vezes recuamos, quando queremos ir muito depressa: “Não adianta correr; é preciso partir na hora certa.” No segundo, estaremos inteiramente com ele. Eis, aliás, um extrato de sua profissão de fé, posta no alto do primeiro número:

“O jornal que empreendemos fundar, sob o título de *Médium Evangélico*, tem por objetivo enveredar por caminhos novos, com os quais o mundo hoje se preocupa, quero dizer, nas vias do Espiritismo. Este jornal nos pareceu necessário em Toulouse, na hora em que os espíritas já não se contam entre nós, na hora em que seus numerosos grupos aumentam cada vez mais. Com efeito, a publicidade será um meio de fazer melhor conhecer o resultado dos trabalhos desses diversos grupos e de torná-los mais úteis à grande causa do progresso moral *ao qual nos convidam todos os nossos destinos*.”

“Todavia, a fim de não flutuar ao sabor do vento da doutrina, nesses atalhos ainda difíceis, julgamos dever arvorar um estandarte, sob cujos auspícios queremos sincera e resolutamente marchar, certos de que o grande princípio da renovação moral está onde não há mais gregos, nem romanos, isto é, judeus, protestantes, católicos, mas uma grande família, unida pelos laços da fraternidade e tendendo para um objetivo comum, na sua carreira ofegante através das solidões misteriosas da vida. Esse estandarte vós o conheceis. Não é a cruz de ouro, filha do orgulho e dos vãos pensamentos dos homens, mas a cruz de madeira, filha do devotamento e do sacrifício e, por que não dizer? filha da verdadeira caridade”

Lamentamos que a falta de espaço nos impeça de citar integralmente a profissão de fé. Mas, por certo, teremos oportunidade de voltar ao assunto.

ALFABETO ESPÍRITA

Para ensinar a ser feliz

Sob esse título, o nosso mui honrado irmão em Espiritismo, Sr. Delhez, de Viena, Áustria, cujo zelo pela causa da doutrina é infatigável, acaba de publicar um opúsculo em língua alemã, contendo parcialmente a tradução francesa a respeito. É uma interessante coletânea de comunicações mediúnicas em prosa e verso, obtidas na Sociedade Espírita de Viena, sobre diferentes assuntos de moral, dispostas em ordem alfabética. O opúsculo é encontrado em Viena, na casa do autor, Singerstrasse, 7, e em todas as livrarias. Preço: 1 florim. O Sr. Delhez é o tradutor de *O Livro dos Espíritos* em língua alemã.

Instruções dos Espíritos

(Sociedade Espírita de Antuérpia)

I

Reconheci a grandeza e a misericórdia de Deus para com todos os seus filhos. A voz do Altíssimo se fez ouvir! Inclinaivos e sede humildes, porque o poder do Senhor é grande. A Terra inteira deve vibrar sob sua mão misericordiosa, e os que se submeterem às suas leis serão abençoados, como outrora Abraão, que marchava para uma terra desconhecida, porque a voz do Eterno falava em seu coração.

O Altíssimo vos sustentará, a vós que marchais sob o seu olhar paternal, humildes e crentes. Deixai que vos tratem como pobres de espírito, e o Deus forte vos atrairá a si por sua graça; sede firmes trabalhando em sua vinha, e desprezai o desdém dos ímpios, porque o Eterno vos tocou com sua mão protetora. Sede corajosos e marchai sem saber onde ele vos conduz; ele protege os que apoiam a própria fraqueza em sua força. O Criador é grande; admirai-o em suas obras.

O Espiritismo espalha-se na Terra, semelhante ao orvalho benfazejo da noite que refresca uma terra muito seca. Ele espargirá em vossas almas o orvalho celeste; vossos corações, pela unção da graça divina, produzirão bons frutos, e vossos trabalhos proclamarão sua glória e sua grandeza.

Deus é onipotente, e quando conduzia por sua força o braço de Moisés, as tábuas da lei não abalaram a Terra? Que temeis? Deus vos abandonou à vossa fraqueza, quando deu sua força a Moisés? O Altíssimo não enviou o maná do deserto? Será menos misericordioso para convosco do que foi para com os filhos de Israel, deixando que vossos corações se ressequem pela ignorância?